



Dow Jones Reprints: This copy is for your personal, non-commercial use only. To order presentation-ready copies for distribution to your colleagues, clients or customers, use the Order Reprints tool at the bottom of any article or visit www.djreprints.com

See a sample reprint in PDF format.

Order a reprint of this article now

THE WALL STREET JOURNAL
WSJ.com

PORTUGUESE | MAY 1, 2011, 7:35 P.M. ET

Real ajuda Brasil a alcançar países ricos em altos preços



Associated Press

John Lyons

The Wall Street Journal, de São Paulo

O Brasil aspira há gerações entrar para o clube dos países ricos. Em uma medida, já chegou lá: São Paulo e cidades como o Rio estão agora entre os lugares mais caros do mundo.

O grande motivo é que o real subiu cerca de 40% em relação ao dólar em dois anos. Acrescente a isso uma inflação anual de 6,4% e os paulistanos estão de repente pagando até R\$ 24, o equivalente a US\$ 15, para ir ao cinema — mais do que os nova-iorquinos.

É fato que, com salários em reais, os brasileiros estão de maneira geral isolados das variações cambiais que encarecem as coisas no país em dólar, já que seus salários também aumentam em relação à moeda americana. Mas eles também começam a sentir a mordida da inflação que decorre da economia aquecida.

É uma virada notável em relação a dez anos atrás, quando terrenos, aluguel e mão de obra eram baratos em dólares e deixavam o país atraente para investidores aventureiros — e um paraíso ensolarado para os turistas com orçamentos apertados. Um frenesi de investimento mundial para o Brasil e outras economias emergentes está mudando isso ao fazer o real subir à estratosfera.

Depois de chegar a R\$ 1,57 por dólar na semana passada, o real está perto de um recorde em três anos e, de acordo com o Goldman Sachs, é provavelmente a moeda mais supervalorizada do mundo.

Isso tem implicações perigosas para a economia — e serve de alerta para outros mercados emergentes. Ao se tornar mais caro em dólares, o Brasil perde a vantagem competitiva que uma divisa fraca proporciona na economia mundial. Colunistas brasileiros queixam-se com regularidade de uma "desindustrialização" que pode decorrer de uma moeda forte que torne a indústria local pouco competitiva.

A JBS SA, maior produtora de carne do mundo, informa estar exportando menos do Brasil porque muitos clientes internacionais não conseguem mais arcar com o custo. Enquanto isso, as exportações dos frigoríficos da JBS nos Estados Unidos estão aumentando.

O problema é que o Brasil está ficando tão caro quanto os países ricos antes que possa realmente competir com eles. Em dólares, os trabalhadores brasileiros começam a ganhar salários de mundo desenvolvido, embora a produtividade seja menor. Para as empresas estrangeiras, muitas vezes custa tanto, ou mais, fazer negócios no Brasil do que nos EUA, embora as empresas brasileiras tenham a desvantagem de estradas ruins e portos ruins, apagões, criminalidade elevada e impostos mais altos.

Os altos preços proporcionam um contraste gritante com a pobreza que continua comum no Brasil, com milhões ainda vivendo em precárias favelas ou subúrbios. A renda deles está ficando atrás dos saltos nos custos de transporte e alimentação, diz Marcelo Neri, um economista da Fundação Getúlio Vargas.

Já os políticos brasileiros não se deixam ficar atrás da alta dos preços. Em dezembro, o Congresso se deu um aumento de 62%, fazendo com que o salário dos parlamentares chegasse a R\$ 26.700, o que dá, por ano, o equivalente a US\$ 210.000, em comparação com US\$ 174.000 dos deputados e senadores americanos.

Há exemplos de sobra dos altos custos brasileiros. O custo de contratação de executivos para organizar os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio, é maior do que para os jogos de 2012, em Londres, informa a Odgers Berndtson, a firma que fez a contratação para ambos. O aluguel de escritórios no Rio está mais caro agora em dólares do que no centro de Manhattan, segundo a imobiliária Cushman & Wakefield.

Há que se dizer que algumas coisas sempre foram incrivelmente caras na economia em boa parte fechada, bastante tributada do Brasil. Um Honda Civic básico custa cerca de US\$ 21.400 nos Estados Unidos. No Brasil, os preços começam no equivalente a US\$ 39.000.

A tendência talvez seja mais evidente para os viajantes que chegam ao Brasil com dólares no bolso. Viajantes de negócios estrangeiros queixam-se entre si das caipirinhas que custam até R\$ 29, ou US\$ 18, no bar MyNY do Itaim-Bibi e não conseguem acreditar que uma noite no hotel Renaissance da Marriott em São Paulo pode custar 50% mais do que no mesmo hotel em Manhattan.

"Não me lembro de preços assim em todos os meus 40 anos cobrindo o Brasil, e quando vivi lá", diz o economista John Welch, que cresceu no país e visita São Paulo com frequência como economista do Macquarie Bank.

Para Welch, uma questão importante é se parte dos preços mais altos do Brasil reflete bolhas de ativos. Uma preocupação é que uma moeda supervalorizada possa provocar bolhas imobiliárias, diz, o que cria imprevisibilidade na economia.

Crescimento que dói no bolso

Os preços no Brasil subiram para níveis de mundo desenvolvido

■ Dólar por real



■ Vários preços em São Paulo são mais altos do que em Nova York:

Produto	São Paulo	Nova York
Civic EX-L, da Honda	US\$ 38.800	US\$ 21.425
iPad, da Apple	US\$ 1.200 iPad**	US\$ 830 iPad 2
Ingresso de cinema	US\$ 15,00	US\$ 13,00
Táxi do aeroporto para o centro*	US\$ 72,60	US\$ 60,00
Grande Caffè Latte, da Starbucks	US\$ 5,40	US\$ 4,30
Metro quadrado de escritório por mês, em mécia	US\$ 761,49	US\$ 574,37/1233,85 distrito financeiro/área comercial

*Calculado usando-se a distância do aeroporto JFK até a região comercial (midtown) de Manhattan. ** iPad 2 não está à venda. Notas: Preços incluem impostos. Calculado usando US\$ 1,00 = R\$ 1,57. Fonte: Thomson Reuters via WSJ Market Data Group (gráfico); Cushman & Wakefield 2011 Global Office Market Report (preço imobiliário); reportagem WSJ.

Os preços dos apartamentos em Ipanema dobraram em reais desde 2008, diz Sérgio Freire, presidente da Brasil Brokers, uma das maiores corretoras imobiliárias do país. Os preços subiram 50% só nos últimos 12 meses nos bairros próximos dos locais em que estão sendo

construídas as instalações para a Olimpíada de 2016, diz.

"Os terrenos ficaram muito caros porque tudo está sendo comprado, há um choque no custo da construção e ao mesmo tempo há compradores com mais renda", diz Freire.

Lidar com a alta dos preços se tornou um dilema delicado para a presidente Dilma Rousseff.

O Brasil precisa de altas taxas de juros para segurar a inflação. Mas a elevação dos juros pode tornar o real ainda mais supervalorizado ao atrair mais dinheiro estrangeiro. O Banco Central elevou os juros para 12% ao ano este mês, o terceiro aumento este ano, depois que a inflação chegou ao nível mais alto desde 2008. A previsão é de que haverá mais altas de juros.

O real está se valorizando por bons motivos, de maneira geral. A economia brasileira cresceu 7,5% no ano passado, atraindo enormes montantes de investimento estrangeiro. Mas o Brasil também está na ponta receptora de investimentos especulativos que partem de países ricos como os EUA, onde os juros são baixos, para tirar proveito dos juros brasileiros, que estão entre os mais altos do mundo. Isso força o real a subir ainda mais.

Cerca de US\$ 35 bilhões em capital estrangeiro entraram no Brasil nos primeiros três meses de 2011, mais do que no ano passado inteiro.

O Brasil não está sozinho. Uma enxurrada de investimento do mundo desenvolvido está valorizando as moedas de vários mercados emergentes, o que torna as economias de países como Coreia do Sul e Chile mais caras.

Por outro lado, o real forte está até produzindo um novo jet set brasileiro que gastou US\$ 2 bilhões nos primeiros dois meses do ano — um aumento de 33% em relação a 2010 — em cidades estrangeiras cujas moedas são mais fracas, como Buenos Aires ou Miami.

Ao mesmo tempo, as diárias de US\$ 400 dos hotéis boutique nas ruas de paralelepípedo de Salvador estão afugentando a clientela majoritariamente europeia, dizem donos de hotel.

"Acho que eles estão indo para a Ásia", disse o gerente de um hotel boutique praticamente vazio no Pelourinho.

Copyright 2011 Dow Jones & Company, Inc. All Rights Reserved

This copy is for your personal, non-commercial use only. Distribution and use of this material are governed by our [Subscriber Agreement](#) and by copyright law. For non-personal use or to order multiple copies, please contact Dow Jones Reprints at **1-800-843-0008** or visit www.djreprints.com